

TUMBAS TRANSI MEDIEVAIS INGLESAS: FENÔMENO ARTÍSTICO, MEMORIAL E SOCIAL.

AMANDA BASILIO SANTOS¹; CARLA RODRIGUES GASTAUD²; CARLOS ALBERTO ÁVILA³

¹Universidade Federal de Pelotas – amanda_hatsh@yahoo.com.br

²Universidade Federal de Pelotas – Orientador - crgastaud@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – Co-orientador - betosant@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é um recorte da pesquisa em desenvolvimento no mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural (PPGMP-UFPEl) que, através da análise das representações mortuárias do século XV na Inglaterra, conhecidas como *tumbas transi*, ou *tumbas cadáveres*¹, pretende explorar uma nova percepção da experiência representativa da morte, assim como analisar a função memorial destas fontes tumulares.

As tumbas que apresentaremos normalmente configuram-se em dois níveis escultóricos: no nível superior temos uma representação de uma efígie funerária tradicional, com uma escultura que representa o falecido como que em estado de adormecimento (em alguns casos com as mãos indicando uma reza), no auge de seu estado físico e com todos os elementos que carregam os valores de sua posição social em torno de seu corpo. Em um segundo nível, no andar inferior, temos a escultura de um corpo em decomposição ou na agonia da morte, tendo em torno de si elementos macabros como vermes e elementos pútridos que acompanham o processo natural da putrefação. Estas são as tumbas mais conhecidas, mas há várias formas de tumbas cadáveres, inclusive alguns modelos que trazem apenas o andar inferior, com a representação decomposta do falecido.

As tumbas pertencem sempre a indivíduos que possuem grande influência social, sejam eles clérigos ou nobres, havendo alguns exemplos raros de homens de origem burguesa, mas que são economicamente bem-sucedidos, como a Tumba de John Barton e Isabella Barton.

Devemos considerar o quão dispendiosas tais tumbas eram, não apenas pelo local em que se encontram, pois elas são dispostas em catedrais e algumas em igrejas paroquiais, mas elas também exigem um maior número de esculturas se formos considerar as de duplo nível, custando, portando, o dobro do preço de tumbas convencionais. O fato de tais tumbas serem alocadas no interior de edifícios religiosos denota o poder social e aquisitivo de tais indivíduos, pois eram espaços disputados, de alta visibilidade e prestígio social.

Na Inglaterra há restante em torno de 150 exemplos, seno que muitas se perderam ou foram depredadas. O monumento mais antigo, preservado na Inglaterra, pode ser visto na Catedral de Lincoln, pertencente ao Bispo Richard Fleming. Já o monumento mais moderno na Inglaterra, nesta linha artística seria a tumba do poeta John Donne, construída no século XVII.

¹ Tumbas que possuem efígie recumbente que se encontra em leve ou avançado estado de decomposição. Embora nos preocupemos aqui com as tumbas inglesas, elas podem ser encontradas em bom número na França e na Itália, e em menor quantidade na Alemanha e nos países Baixos.

2. METODOLOGIA

A análise dos elementos pictóricos será feita através do método proposto por Erwin Panofsky, integrado a um inventariamento prévio que permitirá, com mais facilidade, a execução de seus três momentos analíticos (pré-iconografia; iconografia; iconologia).

Portanto, metodologia de análise ficará nos limites entre a arte e a história, pois para esta pesquisa a forma é considerada como parte importante do conteúdo da imagem. Segundo Pareyson, “o conteúdo nasce como tal no próprio ato em que nasce a forma, a forma não é mais que a expressão acabada do conteúdo” (PAREYSON, 1997, p.44). Portanto a apreensão da forma nos auxilia a compreender o significado e a cultura que a produziu.

Porém este tipo de pesquisa, a pesquisa histórica unida à análise iconográfica, ainda é um campo tenso para os historiadores, pois afasta-se de sua prática focada quase que exclusivamente no contexto, que aborda a obra como fonte e sua forma acaba sendo secundária. Segundo Rocha: “Ignorar a forma, para um pesquisador, é um erro tão grave quando ignorar seu conteúdo” (ROCHA, 2011, p. 4), mas para a pesquisa será fundamental considerar a forma da fonte, que acima de tudo possibilita a análise de seu conteúdo e posterior conexão com o contexto ao qual pertencia, pois, um dos pontos principais de nossa problemática encontra-se no tema selecionado para a representação dos corpos em exposição como elemento para marcar a memória de um indivíduo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta é uma pesquisa que ainda se encontra em fase inicial, portanto, o que se intenciona é apresentar as problemáticas levantadas e os caminhos que serão trilhados na pesquisa. Em aspectos gerais, no mundo visual, podemos ver um novo modo de se perceber diante da morte e uma nova percepção do próprio processo sofrido após o falecimento, um processo que já não é mais escondido, mas é exibido em forma de escultura dentro dos mais influentes prédios religiosos, um local do sagrado e de imagens sagradas, mas também local de convivência, que os torna locais de grande visibilidade para as imagens que ali estão presentes.

As tumbas cadáveres são um fenômeno temporalmente muito específico: sua floração deu-se após a Grande Mortandade, mais comumente conhecida como Peste Negra. Porém não podemos reduzir a representação e a presença do mórbido como um evento oriundo apenas da experiência da peste de 1348 e de suas ocorrências posteriores (SHILLIAM, 1986). Portanto, ocorreram mudanças na percepção, uma mudança que não pode ser restrita a um episódio traumático como único gatilho, ocasionando uma diferente representação, sendo, portanto, o principal questionamento desta pesquisa os motivos pelos quais esta mudança tão drástica ocorreu.

Neste sentido, a pesquisa caminha na mesma direção apontada na tese de doutorado de Shilliam. Segundo ele, “the form of the tomb was moulded by contemporary cultural, temporal and spiritual innovations, as well as by the force of artistic personalities and the directives of patrons” (SHILLIAM, 1986, p. 3). Portanto, a partir das tumbas tarsni pretendemos abordar um fenômeno ímpar da escultura tumular e ao mesmo tempo tentar compreender o contexto que permitiu que este fenômeno acontecesse, levando-se em consideração eventos históricos específicos, assim como outras fontes da história inglesa, como o poema *De*

*Tribus Regibus Mortuis*², do século XV, que influenciou profundamente a iconografia deste período, que corresponde ao surgimento das tumbas *transi*.

Destacamos que as tumbas cadáveres possuem uma dupla instância memorial: ao mesmo tempo em que servem à memória do falecido representado em sua *gisant*³, ela também serve aos vivos como um apelo à memória da própria mortalidade. É assim a lembrança dos que se foram e a lembrança da morte daqueles que ficam. Elas são memorização do passado (através do falecido) e memorização do tempo presente e projeção do futuro inevitável (através do apelo aos vivos, lembrando-os de sua transitoriedade). Deste modo, salientamos o fato destas tumbas serem sempre atuais, pois por mais que elas sejam parte da manutenção da memória de pessoas que as encomendaram, elas estão sempre atuando sobre os vivos que as contemplam, pois elas pretendem comunicar e lembrar, sempre, a condição humana, e a mortalidade é um atributo atemporal.

Esta dupla instância memorial deve ser problematizada, e argumentamos que as tumbas cadáveres são veículos de comunicação e manutenção dos que se foram com aqueles que os contemplam. O apelo feito através da dramaticidade visual e da humildade e fragilidade exposta através da efígie cadavérica permite empatia do expectador, cumprindo parte da intenção deste elemento tumular que intenciona angariar rezas para a alma do falecido. Deste modo, há a manutenção da memória do falecido, a ativação da memória dos observadores de sua própria fragilidade e estado de igualdade ao morto, e, por fim, a comunicação através do apelo dramático, que deve gerar a reação de oração e contemplação. Assim sendo, as tumbas cadáveres são patrimônios ativos dentro do espaço que ocupam.

Para compreender esta dupla instância memorial, destacamos o conceito de sóciotransmissores. Segundo Candau os sóciotransmissores são “todas as produções e comportamentos humanos que estabelecem uma cadeia causal cognitiva social ou cultural entre pelo menos duas mentes-cérebro [...] Vários objetos desempenham um papel fundamental na sócio-transmissão” (CANDAU, 2009, p. 8), deste modo há de ter ao menos dois agentes e o estabelecimento de uma transmissão de informação. Mais especificamente ele diz que:

Pocos objetos patrimoniales responden tan bien a su vocación de memoria como los lugares importantes, los monumentos y las estatuas. Los 'difusores' de la memoria por excelencia son los monumentos a los muertos, las necrópolis, los osarios, etc. y, de manera más general, todos los monumentos funerarios que son el soporte de una fuerte memoria afectiva. (CANDAU, 2002, p. 92-93)

Como é destacado pelo próprio Candau, os monumentos funerários cumprem um importante papel sóciotransmissor, sendo que as tumbas *transi*, em sua mensagem específica de tentativa de comunicação e preocupação em estabelecer uma relação de parecença entre aquele representado e aquele que mira. É, portanto, a transmissão da memória e o engajamento de uma relação de associação entre os sujeitos.

² Poema inglês, também conhecido como *The Tree Living and the Three Dead*, tem sua autoria atribuída ao padre John Audelay, e está escrito no manuscrito MS. Douce 302, que pode ser consultado online. Sua influência foi além do solo inglês e representações visuais do poema são comuns também na França.

³ Segundo a Encyclopaedia Britannica: “Gisant (French: 'reclining'): in sepulchral sculpture, a recumbent effigy representing the person dying or in death. The typical gisant depicts the deceased in 'eternal repose', awaiting the resurrection in prayer or holding attributes of office and clothed in the formal attire of his social class or office.” Disponível em: <<http://global.britannica.com/art/gisant>>, acessado em 20 de junho de 2016.

4. CONCLUSÕES

Podemos ver que as tumbas cadáveres nos oferecem mais do que um testemunho artístico, elas são fontes importantes para a compreensão do homem diante da morte em um contexto específico. Também nos auxiliam a entender como as famílias nobres e os indivíduos se constituíam como elite e a relação delas perante a comunidade, pois estas tumbas-capelas possuem função de status para os patronos e o papel de expiação para os espectadores, que através delas conseguiam oportunidade caritativa, orando pela alma do nobre, ao mesmo tempo que era um momento reflexivo sobre a mortalidade pessoal, e desse modo, sobre o viver (DRESSLER, 2008), finalizamos com uma colocação de Souza que diz que:

A arte funerária, ao contrário do que se pode pensar, abrange uma memória coletiva, corresponde a um objeto de amplos sentidos e de representação social. A visualização de fenômenos socioculturais na arte tumular foi a base de desenvolvimento deste estudo e conclui-se, a partir dele, que a arte funerária é muito mais que um elemento decorativo; é, sim, um meio de documentação históricossocial, que identifica a coletividade a que pertence. (SOUZA, 2007, p. 10).

Concluindo, as tumbas *transi* se apresentam como uma fonte rica em possibilidades de análise, se colocando como um importante fenômeno artístico, uma ocorrência memorial e, por fim, um sintoma cultural.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANDAU, J. **La métamémoire ou la mise en récit du travail de mémoire**. Centre Alberto-Benveniste, avril, 2009.
- CANDAU, J. **Antropologia de la Memória**. Buenos Aires: Del Sol, 2002.
- DRESSLER, R. Gender as Spectacle and Construct: The Gyvernay Effigies at St. Mary's Church, Limington. **Different Visions**, Nova York, 1, 2008. 1-24.
- KING, P. M. **Contexts of the Cadaver Tomb in Fifteenth Century England**. York: University of York, v. Tese de doutorado, 1987.
- NORA, P. Entre história e memória: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.
- PANOFISKY, E. **Tomb Sculpture**. Nova York: H. W. Janson, 1964.
- PANOFISKY, E. **Significado nas Artes Visuais**. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- PAREYSON, L. **Os problemas da estética**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- ROCHA, C. Arte: um desafio para Clio. **O Olho da História**, Salvador, v. 16, julho 2011.
- SHILLIAM, N. J. **Foreign Influences on and Innovation in English Tomb Sculpture in the First Half of the Sixteenth Century**. Tese de Doutorado. Warwick: Warwick University, 1986.
- SOUZA, D. C. **Arte Tumular: uma expressão social por meio de signos da morte**. Disponível em: <http://www.mackenzie.com.br/fileadmin/Graduacao/CCL/projeto_todasasletras/inici/DeniseSouza.pdf>. Acessado em 20 de junho de 2016.
- WELCH, C. Cadaver Monuments in England. **The Courtauld Institute of Art**, p. 1-16, Junho 2014.